

A Europa, já atraída pela proposta brasileira.

Os bancos comerciais já estão dispostos a concluir um entendimento com o governo brasileiro para renegociar sua dívida privada. Essa é a opinião de diversos analistas europeus, após a última rodada de negociações entre o governo brasileiro e seus credores privados e as declarações de um dos principais negociadores brasileiros, Fernão Bracher, não mais rejeitando o princípio de um acordo com o FMI (Fundo Monetário Internacional). Segundo Bracher, o Brasil apenas não quer estabelecer uma relação entre os créditos do FMI e os que virão dos bancos.

Essa idéia, segundo um banqueiro francês, poderá ser assimilada pelo conjunto de credores comerciais. A partir desse tipo de entendimento, vários credores já manifestam interesse pelo cardápio de opções que a proposta brasileira oferece. Assim, daqui para frente, o clima das negociações entre o governo brasileiro e seus credores poderá ser bem mais otimista, acrescentam áreas financeiras européias.

Os jornais econômicos comentam também o telex enviado pelo **Advisory Committee**, que não mais menciona a necessidade de uma linha direta entre um acordo com o FMI e um acordo bancário. O telex insiste em um acordo com o FMI, mas isso já não impede um entendimento, pois segundo declarou Fernão Bracher, o que o governo brasileiro considera inaceitável é ver a "condicionalidade" do Fundo ser exercida não apenas sobre própria assistência financeira, mas igualmente sobre a dos bancos.

Em entrevista a um jornal francês, o **La Tribune**, Fernão Bracher afirmou que não é o princípio de um acordo com o FMI que o Brasil rejeita, mas sim a idéia de que o dinheiro emprestado pelo Fundo e pelo Banco Mundial sirva apenas para pagar juros aos bancos: "Esse dinheiro deve ser utilizado para investir e gerar novas riquezas".

Essa, entretanto, tem sido a opinião do PMDB, até aqui. Sabe-se que antes do encontro com os banqueiros, a assessoria do